

MODERNIZAR, PRODUZIR OU ADQUIRIR VEÍCULOS BLINDADOS



Expedito Carlos Stephani Bastos
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora
expedito@editora.ufjf.br

O Exército Brasileiro está diante de um grande dilema na atualidade, principalmente em relação a seus veículos blindados sobre rodas, modernizar os existentes, adquirir novos ou retomar uma produção local.

A falta de recursos tem trazido sérios problemas para as Forças Armadas em geral, afetando desde a alimentação básica à aquisição de equipamentos, tanto no mercado interno como externo.

Os dois melhores projetos, de concepção nacional, foram os blindados sobre rodas de reconhecimento **Engesa EE-9 Cascavel**, cuja produção total, incluindo todas as suas versões alcançou a cifra de **1738** unidades, das quais o maior comprador foi o **Exército Brasileiro** com **409** adquiridos e o transporte de tropas **EE-11 Urutu**, cuja produção de todas as versões alcançou a cifra de **888** unidades, destas **223** coube ao Brasil (**217 ao Exército e 6 a Marinha**).



Maio de 1986. Vinte EE-9 Cascavel prontos para serem entregues ao Exército Brasileiro no pátio da Engesa em Caçapava, SP. (Foto: Coleção autor)

São ainda operacionais em diversos países, em alguns estão sendo empregados em combates diretos como é o caso da Colômbia em sua luta contra as facções guerrilheiras e também são operados pelos Curdos no norte do Iraque. (ver artigo: **COLÔMBIA - BLINDADOS BRASILEIROS EM SITUAÇÃO REAL DE COMBATE** - <http://www.defesa.ufjf.br/arq/Art296.htm>).

Também é possível vê-los sendo empregados pelo Brasil, Jordânia, Uruguai e Dubai em diversas operações de missão de paz das Nações Unidas – ONU, no Haiti, Kosovo, e Costa do Marfim.



À esquerda, Blindados EE-9 Cascavel sendo utilizados pelos Curdos, capturado ao Iraque após a invasão americana de 2003. (Foto: France Press) e à direita Três Urutus do Dubai em ação no Kosovo, na cidade de Mitrovika em março de 2004, integrante da Força de Paz nos territórios da antiga Iugoslávia. (Foto: Association Press).

Mas estão chegando ao final de sua vida útil, seja pelo tempo de uso, seja pelas inovações tecnológicas que apresentam os novos veículos empregados atualmente pelos principais exércitos do mundo.

Um grande projeto de revitalização e padronização, destes veículos, está sendo realizado desde 2001 no **Arsenal de Guerra de São Paulo – AGSP** e trouxe uma maior sobrevida, tanto que o principal blindado sobre rodas usado pelas tropas brasileiras no Haiti (MINUSTAH) é a versão repotenciada do EE-11 Urutu. Vale lembrar que isto só foi possível porque o produto era inteiramente nacional.



Blindados sobre rodas EE-11 Urutu sendo repotenciados no Arsenal de Guerra de São Paulo em abril de 2006. Um deles já se encontra pintado de branco com os emblemas da ONU pronto para embarcar para o Haiti onde o Exército Brasileiro opera vinte e quatro. (Fotos: autor)

No ano passado abriu-se uma licitação para um blindado 6x6 baseado no Urutu, mas como não foi prevista a fabricação de um protótipo nem uma pré-série, não obteve o resultado esperado e foi cancelada. Também foi mostrado, ao Estado Maior do Exército, alguns “conceitos” que culminaram num mock-up na escala 1:8 do que poderia ser o chamado **Urutu III**, uma versão mais atualizada com suspensão independente nas seis rodas, e capacidade de blindagem adicional, mas que não foi adiante.



Mock-up na escala 1:8 e desenho do que poderia ser o Urutu III apresentado pela Commando Veículos Especiais ao Estado Maior do Exército em maio de 2005. (Fotos: coleção autor)

O certo é que está previsto para este ano (2006) uma nova licitação que poderá envolver empresas brasileiras e estrangeiras, com ou sem parcerias, podendo vir a ter uma produção local de uma **nova família de blindados sobre rodas** que poderá abranger deste um 4x4, passando por um 6x6 e até quem sabe chegar a um 8x8, formando assim o conceito de família, muito empregado atualmente e que poderá vir a ser criada uma versão 4x4 para as Forças Policiais que vivem em alguns estados situações de uma verdadeira guerra civil.

A necessidade de um blindado pequeno sobre rodas ou lagartas, ficou muito bem demonstrada no último exercício realizado no período de 09 a 14 de julho de 2006, pela **ECEME – Escola de Comando e Estado Maior do Exército**, em Juiz de Fora, denominado **Exercício no Terreno – Divisão de Exército e Brigada em operações defensivas**, onde participaram 165 oficiais.

Numa hipotética situação de conflito envolvendo quatro países fictícios, onde dois se uniram para atacar um terceiro, e este recebeu o apoio de um quarto para conter a invasão, num embate onde seriam empregados blindados e aviação.

A partir de uma área fronteira uma força inimiga composta por carros de combate (tipo T-62) e blindados de lagartas para transporte de tropas (tipo BMP) teriam de ter seu avanço contido ao longo de uma grande área de vários quilômetros por forças apoiadas por blindados sobre rodas do tipo **EE-9** e **EE-11** e carros de combate **Leopard 1 A1** e apoio aéreo que envolvia unidades do Exército com helicópteros **PANTERA** e caças da Força Aérea do tipo **F-5**.

Convidado a acompanhar os exercícios, visto que eles foram feitos através de cartas topográficas e verificação do terreno in loco, onde foi possível perceber grandes modificações, que não constavam das cartas, como por exemplo, retificação de uma rodovia, construção de um grande aeroporto com 2.400 metros de pista, cortes realizados em várias elevações, diversas construções em fazendas, além de uma área com pequenas cidades que seriam envolvidas no conflito.

Os oficiais tiveram a oportunidade de em grupos, elaborarem todo o sistema defensivo e eles foram exaustivamente discutidos, sendo que todos envolveram artilharia antiaérea, mísseis anticarro, observação aérea com ataques pré-determinados como forma de retardar todo o avanço inimigo e desgastá-lo ao máximo, para finalmente envolvê-lo num bolsão onde seria aniquilado, procurando perder o mínimo possível de forças.



Helicóptero PANTERA e parte dos 165 oficiais da ECEME que participaram do Exercício no Terreno – Divisão de Exército e Brigada em operações defensivas em Juiz de Fora. (Fotos: ECEME)

Achei de grande valia este tipo de exercício, mas se abstrairmos o caso como um estudo e tentar trazê-lo a uma situação real, fica patente a carência de equipamentos que pudessem nos dar uma certa tranquilidade. Falta-nos diversos meios, como blindados leves 4x4 ou sobre lagartas, equipados com mísseis anticarro que poderiam ter causado grandes danos às forças inimigas além de poderem fazer um reconhecimento mais seguro para as tropas; artilharia antiaérea, principalmente sobre rodas ou lagartas que teriam grande mobilidade no terreno; helicópteros armados com mísseis e para transporte de tropas, visto que nesta situação a superioridade aérea poderia decidir o sucesso ou fracasso.

Vendo este tipo de exercício aparecem várias perguntas, por que não levar adiante projetos nacionais que eram viáveis há alguns anos atrás, chegamos a projetar e exportar um blindado leve 4x4, o **EE-3 Jararaca**, que pode servir de base para desenvolvermos um mais moderno. (ver artigo: **EE-3 JARARACA 4x4 - UM CONCEITO ESQUECIDO** - <http://www.defesa.ufjf.br/arf/Art283.htm>). Também desenvolvemos um blindado leve sobre lagartas, com capacidade aerotransportada, denominado **EE-T4 Ogum** muito similar ao Weisel alemão, largamente empregado em diversas versões, inclusive como anticarro, que muito útil nos seria. (ver artigo: **EE-T4 OGUM - O BLINDADO LEVE DA ENGESA** - <http://www.defesa.ufjf.br/arf/Art%20122.htm>). Estamos descartando nossos velhos carros de combate **M-41**, sucateando-os, porque não adaptar um sistema de artilharia antiaérea em alguns e alocá-los nas unidades de carros de combate, pois, toda a logística para sua manutenção já existe. Estamos para adquirir mais 240 **Leopard 1 A5** da Alemanha mas, não consta nenhuma versão antiaérea.



EE-3 Jararaca do Exército de Chipre com míssil Milan anticarro e desenho da versão prevista do blindado leve sobre lagartas EE-T4 Ogum anticarro. (Fotos: Coleção autor)

O veículo base para transporte de tropas continua a ser o **EE-11 Urutu**. Por que não partir de seu projeto para desenvolvermos um outro mais moderno, com algumas inovações na suspensão, com capacidade de blindagens adicionais, mas que fosse totalmente produzido por empresas brasileiras, gerando conhecimentos, empregos e independência.

O próprio exercício mostrou que a força oponente era um pouco superior a nós, nada de extraordinário, e nossa realidade é esta, não vamos fazer frente a nenhuma superpotência ou grande potência, mas precisamos ter uma grande capacidade regional.

O curioso de tudo isso é que passado treze anos desde o encerramento definitivo da empresa que os produziu seriadamente, eles estão em plena atividade, no Brasil e exterior. Seus conceitos ainda são relativamente modernos para os dias atuais, embora com alguma defasagem tecnológica.

O Cascavel e Urutu são os símbolos de uma época em que tivemos capacidade de criar e produzir nossos próprios veículos blindados suprimindo nossas necessidades e aumentando a nossa balança comercial em exportações. Possuíamos projetos que poderiam muito bem substituí-los, mas que simplesmente foram deixados de lado, alguns sucateados.

Estávamos no caminho certo, muitos projetos poderiam ter continuado, outros cancelados, e hoje estaríamos substituindo os dois melhores projetos de concepção nacional por um outro produto mais avançado, concebido e desenvolvido por brasileiros.

Precisamos ter o máximo de cuidado para não repetirmos os erros do passado e novamente cairmos na dependência externa e vermos o fim de nossa Indústria de Material de Defesa, e pior, tornarmos simplesmente meros usuários, pois ainda temos capacidade para manter uma produção local e aproveitar o excelente parque industrial que pode muito bem produzir itens civis e militares.

Desta forma fortaleceremos a **PNID – Política Nacional da Indústria de Defesa**, cujo objetivo maior é o **FORTALECIMENTO DA BASE INDUSTRIAL DE DEFESA BRASILEIRA**, visando à diminuição progressiva da dependência externa em produtos estratégicos de defesa, desenvolvendo-os e produzindo-os internamente.